A psicanálise de crianças no Rio de Janeiro: algumas questões

MARIA ANITA C. R. LIMA SILVA
MARIA ELISA DELECAVE MONTEIRO

1. Introdução e metodologia

Nosso ponto de partida para este trabalho é a nossa prática enquanto psicólogas clínicas, atendendo em consultório particular e trabalhando em psicanálise, de crianças e de adultos. Ao longo de mais de 10 anos de atividade clínica, chamaram-nos a atenção dois pontos em particular:

1. Em primeiro lugar, a alta demanda, ou seja, o elevado número de clientes (famílias) que buscam atendimento para crianças, em relação ao número de pacientes adultos que buscam tratamento para si próprios. Cumpre ressaltar que muitos desses casos não são indicações para psicanálise de crianças, o que não invalida o fato de que a procura é muito elevada.
2. A demanda de supervisões clínicas de profissionais iniciantes, psicólogos, que começam sua prática profissional através da psicanálise de crianças.

Nosso próprio histórico como psicoterapeutas e psicanalistas de crianças cumpre uma trajetória pouco ortodoxa, porém, muito comum há alguns anos atrás. Na época em que nos formamos, e existe uma pequena diferença de três anos de formadas entre nós duas, não era possível a um psicólogo perfazer o caminho normal de uma formação psicanalítica. As poucas sociedades psicanalíticas existentes na época não só não aceitavam psicólogos como candidatos, como favoreciam um clima tenso de relacionamento profissional entre os psicanalístas médicos e nós, os psicanalistas "marginais". A formação então passava a se constituir numa aventura individual: a busca de uma análise pessoal, que o esforço e o desejo de cada um transformava em análise didática, a busca de supervisões, as mais caras possíveis e de preferência com analistas didatas, como se a qualidade e o custo desse tipo de formação pudessem nos compensar da ilegalidade a que éramos votadas. Foram tempos duros, sem dúvida, cujos ecos nos chegam até hoje através de seqüelas anacrônicas, porém, malignas, como o projeto Julianelli.

No entanto são apenas alguns aspectos dessa época que interessam ao nosso trabalho. No meio das pressões contra o exercício da psicanálise por psicólogos surgiu, sem nunca ter sido formulado em palavras, uma espécie de "acordo entre cavalheiros": os adultos, mercado mais caro e valorizado, ficavam para os psicanalistas oficiais, e as crianças para os psicólogos. O curioso disso tudo é que entre os fundadores das principais sociedades psicanalíticas estavam duas psicanalistas não-médicas (Dr.ª Katrin Kemper e Dr.ª Inês Besoucher) e alguns grandes

especialistas em psicanálise de crianças (as mesmas citadas, Dr. Décio de Souza e Dr. Borsoi). Foram, aliás, estes os principais responsáveis pela formação das primeiras gerações de psicanalistas-psicólogos, dedicados à psicanálise de crianças.

A partir dessa época criou-se como que uma tradição de iniciarmos a nossa prática clínica através do trabalho com crianças. À medida que o psicólogo "crescia" como psicanalista, começava a atender pacientes adultos e largava o trabalho com crianças: era sua maioridade profissional. Esta é uma história banal, que sucedeu a muitos de nós.

Hoje, entretanto, os caminhos abertos para a formação de um psicanalista-psicólogo são outros. As sociedades psicanalíticas outrora fechadas abriram seus quadros a candidatos psicólogos, e outras instituições de formação surgiram, muitas das quais fundadas por psicólogos. Para nós, no entanto, a situação da psicanálise de crianças continua obscura.

Por um lado, colocam-se novas questões:

– Qual o estatuto atribuído à psicanálise de crianças numa formação regular atual?
– Como estão sendo formados os novos psicanalistas de crianças?
– Teria havido uma mudança no critério de valor que, no passado, atribuía ao tratamento de crianças um *status* de degrau a ser galgado para se chegar à psicanálise de adultos?
– Há um critério de especialização atribuído à psicanálise de crianças?

Por outro lado, permanece o fato empiricamente observado de que vários colegas recém-formados continuam a iniciar suas vidas profissionais tratando de crianças (demanda de supervisões particulares), o fato de que a demanda desse tipo de tratamento continua bastante expressiva e, finalmente, a dificuldade de termos um quadro claro de com quem, onde e como se formam aqueles que tratam psicanaliticamente de crianças no Rio de Janeiro.

Sentimos então a necessidade de um levantamento de campo que nos permitisse mapear a sua nova configuração. Este foi o intuito do nosso trabalho: uma abordagem inicial ao campo, que nos permitisse traçar este mapeamento e encontrar material de reflexão a ser compartilhado com outros psicólogos e profissionais vinculados à assistência à infância.

O trabalho foi elaborado em três partes:

1. Um levantamento do tipo de formação na área de psicanálise de crianças oferecido pelas principais instituições psicanalíticas do Rio de Janeiro. Esse levantamento foi realizado através de:

a) entrevistas com representantes autorizados das várias instituições (informantes);
b) análise do currículo de formação da instituição.

2. Tomada de depoimento de figuras representativas da psicanálise de crianças no Rio de Janeiro (nos restringimos a psicólogos), sobre sua formação, as características específicas desse tipo de trabalho e seus principais problemas.
3. Análise e discussão dos dados obtidos, levantando questões a serem debatidas com os profissionais ligados à área.

Foram entrevistados informantes de 10 instituições formadoras de psicanalistas, tendo sido analisados os currículos da maioria delas. Os currículos não-analisados diretamente foram investigados através dos informantes. Além disso, foram entrevistadas duas figuras das mais representativas da psicanálise de crianças no Rio de Janeiro e que nos apresentaram seus depoimentos

pessoais: Yone Caldas Silva, conselheira-presidente do CRP, sócia-fundadora da Sociedade de Psicologia Clínica do Rio de Janeiro, e Nilsa Ericson Fernandes, psicóloga clínica, professora e diretoria clínica do Sepla.

As instituições entrevistadas foram: a Sociedade Brasileira de Psicanálise, a Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro, o Ibrapsi, o Sepla, o Instituto de Medicina Psicológica (IMP), o Instituto Freudiano de Psicanálise (IFP), o Círculo, a Appia, a Sociedade de Psicologia Clínica do Rio de Janeiro, e o Instituto de Psicologia Clínica.

Os dados obtidos estão resumidos nos quadros 1 e 2.

2. Análise dos dados obtidos

Procuramos orientar a análise dos dados obtidos baseando-se nas questões levantadas na introdução do nosso trabalho:

– Qual o estatuto atribuído à psicanálise de crianças numa formação atual?

Com respeito a este item, parece-nos haver uma contradição: por um lado a formação é precária com a exceção de duas instituições, uma delas a Appia, que oferece formação exclusivamente na área de criança e adolescente. No entanto os informantes de todas as outras instituições, sem exceção, traduziram um interesse em abrir uma especialização na área. Segundo a informante do IMP, Maria Alice Rabelo, a motivação seria mais gerada por uma postura frente à psicanálise do que oriunda de uma demanda, quer dos alunos, quer do público.

– Como estão sendo formados os novos psicanalistas-criança?

Como já dissemos só duas das instituições entrevistadas dão formação específica. Cinco outras oferecem supervisão e cursos esporádicos sobre o assunto. Por outro lado, nos foram fornecidos dados que confirmam que muitos psicólogos continuam a iniciar sua vida profissional através da psicanálise de crianças, antes mesmo de empreender sua formação. Segundo dois informantes, os alunos já chegam à instituição atendendo crianças e passam de imediato a buscar clientes adultos.

– Teria havido uma mudança no critério de valor que no passado atribuía ao tratamento de crianças um *status* de degrau a ser galgado para se chegar à psicanálise de adultos?

Aparentemente não. Embora profissionais com larga prática clínica com crianças, como a Dr.ª Rosa Beatriz Pontes de Miranda (informante da Sociedade Brasileira de Psicanálise), a Dr.ª Nilde Ribeiro (informante da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro), a psicóloga Yone Caldas Silva (em depoimento pessoal) e a psicóloga Nilsa Ericson Fernandes (em depoimento pessoal) enfatizem a dificuldade e seriedade da psicanálise de crianças, mais difícil que a de adultos, prevalece ainda a mentalidade de que a psicanálise de crianças é uma psicanálise inferior. Segundo Carmen Dapoyan (informante do Círculo), os alunos buscam muitas vezes os cursos sobre criança acreditando que "é mais fácil".

– Há um critério de especialização atribuída à psicanálise de crianças?

Apenas em duas das instituições entrevistadas. Aqui cabe uma observação: todos os informantes (didatas, professores ou diretores das respectivas instituições) reconhecem a necessidade

Quadro 1

Instituições de formação *	Currículo específico de psicanálise de criança	Psicanálise de criança como parte do currículo de formação	Professores, supervisores e didatas (de psicanálise de crianças)	Tempo aula/comparativo entre matérias ligadas à especialização em crianças *X* em adultos		Comparação entre demanda de alunos quanto à especialização em adultos e crianças		Existência de clínica assistencial	Casos de crianças em atendimentos nas clínicas
				Adulto	Criança	Adulto	Criança		
A	Especialização de 3 anos	Sim	Sim					Não	Não
B	Não	Currículo em reformulação	Sim	Currículo em reformulação				Não	Não
C	Não	Não	Sim					Sim	1
D	Não	Sim	Sim					Não**	Alto n.º
E	Não	Sim	Sim					Sim	Peq. n.º
F	Não	Sim	Sim					Sim	N.º médio em decréscimo
G	Formação em crianças e adolescentes	Sim	Sim					Não	Não
H	Não	Não	Não					Sim	Não
I	Não	Sim	Não					Sim	Peq. n.º
J	Não	Sim	Sim					Sim	10 a 15% da clientela

* Ordem em que aparecem as instituições de formação não obedece a anteriormente descrita nesse levantamento. A nomeação foi substituída por letras devido a aspectos éticos.

**Apesar dessa instituição não ter clínica assistencial, usa uma clínica específica. Conta então como *sim*.

Quadro 2

Instituições de formação											
Currículo específico de psicanálise de criança	Sim										
	Não										
Psicanálise de criança como parte do currículo de formação	Sim										
	Não										
	Currículo em reformulação										
Professores, supervisores e didatas especialistas em psicanálise de crianças	Sim*										
	Não										
Tempo/aula comparativo entre matérias ligadas à especialização em crianças *x* em adultos	Criança total										
	Criança = adulto										
	Adulto > criança										
	Criança nulo										
	Currículo em reformulação										
Comparação entre demanda de alunos quanto à especialização em adultos *x* em crianças	Criança total										
	Criança em ↑										
	Criança média a baixa										
	Criança nulo										
Existência de clínica assistencial e casos de crianças em atendimento	Sim**										
	Não										

* Instituições	Prof. especialistas	** Instituições	Casos de crianças
1	todos		Nenhum
1	> 6	1	N.º pequeno
3	4 e 6	5	a
3	< 4	1	médio alto

de investir a psicanálise de crianças de um caráter de especialização, mas depõem sobre o desconhecimento, por parte dos alunos, da importância e dificuldades da psicanálise de crianças.

É ainda necessário comentar alguns aspectos não colocados a nível de questão na introdução, mas mencionados de forma apriorística. Em primeiro lugar temos o problema da baixa demanda do público (crianças). Essa demanda é de fato bastante inferior à dos pacientes adultos, exceto na Clínica Social (ligada ao Círculo), cujo público provém da população de baixa renda, encaminhado pelo Estado (rede educacional) ou por instituições. No seu depoimento pessoal, Yone Caldas Silva menciona que dá supervisões particulares a psicólogos atendendo no Inamps, com alta demanda do público infantil. A baixa demanda nas outras instituições pode ser explicada por haver pouca divulgação, devido à pequena oferta de psicanalistas de crianças disponíveis, e também pela hipótese levantada pela informante do IMP, Maria Alice Rabelo, de que a classe média prefere buscar atendimento particular para seus filhos. Isso talvez explique a alta demanda em consultório particular, citada pelas autoras na introdução do trabalho e confirmada pelos informantes que atendem crianças em consultório particular.

A baixa demanda dos alunos pode ser compreendida em dois níveis: em primeiro lugar, pelo desconhecimento em relação à psicanálise de crianças, hipótese reforçada pelas observações da informante do Sepla, psicóloga Beatriz Helena Vershoore, de que embora haja pouca procura de formação em psicanálise de criança, o tema desperta enorme interesse quando é abordado através de cursos ou seminários. Essa hipótese é também endossada pelos comentários dos informantes do IFP e Ibrapsi. Além disso existe a possibilidade de essa baixa demanda estar também ligada ao fato de ainda muitos profissionais iniciarem suas carreiras atendendo crianças e buscarem atender adultos assim que ingressam na instituição formadora. Essa hipótese é endossada pelos informentes da Sociedade de Psicologia Clínica e pelo IMP.

3. Discussão

No seu depoimento pessoal, que é parte dos dados desta pesquisa, a psicóloga Yone Caldas Silva, comentando sobre as dificuldades do trabalho psicanalítico com crianças, diz: "É o trabalho mais difícil em psicanálise. No fundo se opta pelo adulto porque é mais fácil. A análise do adulto pode ser mais metódica, mais organizada. A criança é o imponderável: ameaça. Ou existe uma disponibilidade para o novo, para o mistério, ou não é possível tratar de crianças." E mais adiante: "Além disto existem os pais, sem os quais não é possível trabalhar." E finalizando: "Tratar de criança exige a mesma disponibilidade que tratar de psicótico."

Diz a psicóloga Nilsa Ericson Fernandes no seu depoimento: "O trabalho só com a criança era impossível. Na verdade o trabalho com a criança é o trabalho com uma instituição, a família. Assim, para tratar de uma instituição é necessário uma equipe, também institucionalizada."

"A criança é o imponderável" e "O trabalho com a criança é na realidade o trabalho com uma instituição: a família". Nestas duas frases temos condensados dois grupos de idéias que se juntam e se complementam e nos remetem às maiores questões atuais com relação à psicanálise de crianças.

Num trabalho de 1974, O retorno à clínica, que faz parte de uma coletânea de vários autores intitulada *Psicanálise em crise*, Wilson L. Chebabi procura traçar o histórico do início do movimento psicanalítico no Rio de Janeiro. A psicanálise surge dentro de uma evolução no pensamento médico psiquiátrico que começa a se abrir por volta de 1950 para se deixar permear

por questões filosóficas e antropológicas, que vão constituir o adubo do terreno fértil no qual o pensamento psicanalítico vai brotar e se desenvolver. Esse processo de abertura do pensamento psiquiátrico colaborava em última instância para uma revisão dos conceitos de saúde e doença mental, para a desestigmatização do chamado doente mental. Nesse contexto o advento da psicanálise de crianças, introduzida no Rio de Janeiro em 1954, pelo Dr. Décio de Souza, quando voltou de Londres onde havia feito sua formação psicanalítica, foi decisivo. Dr. Décio tinha uma sólida formação kleiniana, havendo inclusive estudado com Melanie Klein. Segundo Chebabi, "penetrar no mundo infantil e nele descobrir as manifestações das assim chamadas doenças mentais, nas etapas mais precoces da vida da criança, passou a *colaborar para desfazer a atmosfera terrorífica que cercava e estigmatizava o enfermo*".

Porém, se bem que a psicanálise de crianças tenha sido introduzida no Rio de Janeiro por um médico ilustre e tenha colaborado, no dizer de Chebabi, para desestigmatizar o doente mental, não foi na área médica que o trabalho psicanalítico com crianças mais floresceu.

Na verdade, os primeiros grandes passos do desenvolvimento da psicanálise de crianças estão mais ligados à área pedagógica. Uma grande parte dos primeiros psicólogos formados pelo curso universitário, bem como chamados dos "psicólogos de registro" provinham dos quadros do ensino estatal. O Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE) do Serviço de Ortofrenia e Psicologia, ligado à Secretaria de Educação, foi juntamente com o COJ e COI um dos primeiros centros formadores de terapeutas de crianças, constituindo estágios práticos ligados à formação universitária. No IPE, a figura polarizadora foi a do Dr. Borsoi, também ele chegado da Inglaterra, onde havia completado sua formação, e que supervisionava os trabalhos terapêuticos.

O fato de os primeiros grandes passos de psicanálise de crianças no Rio de Janeiro estarem ligados à rede educacional estadual e ao pessoal egresso da área pedagógica nos parece de extrema importância para uma compreensão mais precisa da situação atual. Se bem que, por um ângulo, a desvalorização ou o desconhecimento (ou as duas coisas) do trabalho psicanalítico com crianças possa ser explicado historicamente pela divisão forçada entre a psicanálise dos psicólogos e a psicanálise dos médicos a que aludimos no início deste trabalho, esta explicação por si só é parcial e insuficiente.

Os comentários de Yone Caldas Silva e Nilsa Ericson, que destacamos, na verdade remetem a nossa problemática aqui no Rio de Janeiro a uma problemática mais ampla e geral da psicanálise de crianças.

É fato já demasiadamente conhecido que o interesse pela criança como objeto de estudo científico e, conseqüentemente, de práticas educacionais e saneadoras só surge na Europa a partir do século XVI. O fim da ordem hierárquica medieval e o início da construção da ordem burguesa que trará no seu bojo a nova sociedade capitalista trouxe consigo um movimento de privatização, especialização e individualização que se tornam presente nos vários aspectos da vida privada e política, desde os pequenos hábitos cotidianos ao desabrochar de novas ciências.

Assim, ao lado da implantação das portas fechadas e da nucleorização da família, encontramos a divisão das salas de aula por grupos etários e também o surgimento das várias especializações egressas da medicina e da filosofia. O estudo da criança surge nesse quadro a princípio circunscrito à ordem pedagógica. Pois a construção da ordem burguesa implicou uma redistribuição de poderes que substituíssem os antigos poderes da ordem hierárquica medieval. Há então a implantação do que Althusser chama de aparelhos ideológicos de Estado, entre os quais passam a se inserir a escola e a família. Esses aparelhos ideológicos distinguem-se dos aparelhos repressivos por não se servirem da violência manifesta, mas são transmissores e agenciadores da ideologia dominante. A atuação desses aparelhos ideológicos torna-se especialmente eficaz na infância, onde se ressalta o papel da escola, pois, segundo o próprio Althusser, "nenhum outro

aparelho ideológico do Estado dispõe durante tantos anos da audiência obrigatória (. . .) da totalidade das crianças da formação social capitalista". A educação é então, entre nós, a principal via de acesso à criança, e o próprio Freud, em 1933, diz a respeito da aplicação da psicanálise à educação: "é da maior importância, é tão pleno de esperanças para o futuro que talvez seja a mais importante de todas as atividades da análise."

No entanto, se bem que a psicanálise tenha surgido nos fins do século passado dentro desse mesmo contexto, e possa eventualmente ser utilizada de forma normativa para reforçar o papel da família como aparelho ideológico do Estado, a própria psicanálise enquanto ciência traz em si a abertura para uma outra dimensão do humano que ultrapassa sua eventual má utilização. Na verdade, o estudo do inconsciente e de sua linguagem transcende as vicissitudes do cotidiano e da própria individualidade. É Freud quem nos diz, em 1934, que "o conteúdo do inconsciente na verdade é, seja lá como for, uma propriedade universal, coletiva da humanidade".

Aqui se inserem os comentários citados, extraídos dos depoimentos de Yone e Nilsa. Na verdade, podemos compreender que ao apontar que a psicanálise de crianças nos remete à psicanálise de uma instituição, a família, Nilsa está apontando para alguns dos mais graves problemas da psicanálise de crianças: como intervir nessa instituição, família, aparelho ideológico do Estado, sem o fazer de forma normativa e adaptativa? Como atingir a palavra patogênica oculta na rede familiar e expressa no sintoma da criança, sem passar pela normatividade, igualmente patogênica e deformadora da dimensão mais abrangente e totalizante da psicanálise? Pois se, como diz Yone, "a criança é o imponderável", uma das maneiras de se lidar com o imponderável é negando-o, fugindo dele, evitando a criança como objeto da prática analítica. Outro modo, seria banalizá-lo, torná-lo falsamente conhecido submetendo-o a cadeias que lhe roubem a sua dimensão de espanto. Daí a proliferação de uma abordagem falsamente psicanalítica à criança, em que conceitos científicos podem ser transformados em regrinha de certo e errado.

Essa deformação da abordagem analítica à infância leva à falsa idéia de facilidade e à aberração de se iniciar a prática psicanalítica pelo seu aspecto mais difícil, a psicanálise de crianças. Aparentemente, esse problema transcende a situação específica do Rio de Janeiro e mesmo do Brasil. Em um artigo de 1970, Jacqueline Rousseau-Dujardin debate a mesma questão em relação à psicanálise de crianças na França.

Porém, a psicanálise de crianças no Rio de Janeiro apresenta as suas próprias peculiaridades. Se, como já dissemos, o interesse científico pela criança surge na Europa somente a partir do século XVI, no Brasil ele data apenas do século passado. A grande revolução de idéias trazida pelo advento da burguesia só surge no Brasil ligada à construção da consciência nacional. Segundo Bárbara Freitag, "a fase colonial caracterizava-se pela inexistência de instituições autônomas que compusessem a sociedade política". O advento da consciência nacional, surgido de uma multiplicidade de fatores, foi facilitado, agenciado e fortalecido pela ação de dois elementos: a escola e os higienistas. Esses dois agentes prepararam a mudança de mentalidade que possibilitou a instalação do Estado nacional, "independente" e burguês. A mudança de mentalidade sobre a criança, neste processo de substituição dos grandes clãs da era colonial (que reproduziam no Brasil os princípios hierárquicos da sociedade medieval européia), pela família nuclear (esteio básico do Estado burguês capitalista), foi decisiva.

A escola ganha enorme força como aparelho ideológico do Estado. A revolução de 1930 abala a hegemonia dos latifundiários cafeicultores, últimos remanescentes da "nobreza" patrícia, e é acompanhada pela obrigatoriedade do ensino primário. As freqüentes reformas de ensino, sempre associadas a mudanças políticas, mostram com clareza o importante papel agenciador conferido à escola.

Foi da escola que emergiu a maioria dos primeiros psicanalistas-psicólogos de crianças. Egressos da atividade normativizadora de um grande aparelho ideológico do Estado, puderam dele se desprender ideologicamente, na medida em que absorviam o pensamento psicanalítico e permaneciam ao mesmo tempo protegidos por uma instituição do Estado, oficial e legítima. Havendo tese, pôde haver antítese, e a força modificadora das atividades dos psicanalistas de crianças ligados à rede estadual é sobejamente comprovada pelo fato de que o advento do golpe militar de 1964 trouxe de imediato o encerramento das atividades terapêuticas a nível estatal.

Portanto, além dos problemas que compartilha com a psicanálise de crianças no mundo inteiro, e que não são poucos, além das vicissitudes históricas que levaram a psicanálise de crianças no Rio de Janeiro a se tornar a psicanálise marginal dos psicólogos, o próprio desenvolvimento dessa psicanálise dos psicólogos por suas vias de possível legitimidade foi castrado, em função dos abalos políticos da época.

Esses são alguns pontos que nos parecem relevantes para abrirmos uma discussão que nos permita refletir sobre a situação atual da psicanálise de crianças no Rio de Janeiro. Esperamos que este trabalho possa auxiliar, mesmo que numa medida pequena, o desenvolvimento de novos rumos da psicanálise de crianças entre nós, não como uma psicanálise menor, ou uma psicanálise dos psicólogos, mas como uma psicanálise de todos os analistas, já que, como diz Mannoni, a psicanálise de crianças "é a própria psicanálise".